OS AÇORES E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS NA DÉCADA DE 1950: IDENTIDADES, EXPERIÊNCIAS E TESTEMUNHOS DA E/IMIGRAÇÃO

ELIS REGINA BARBOSA ANGELO

A CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO: UM TERRITÓRIO CULTURAL LUSOBRASILEIRO

Em 21 de abril de 1982 inaugurava-se a Casa dos Açores de São Paulo [1]. As intenções para a sua idealização – a cooperação da comunidade e os anseios de compartilhar o sonho e agrupar os açorianos que vieram para o Brasil em busca de novas oportunidades – acabaram se concretizando, em meio a dificuldades, falta de apoio institucional, de espaço e aplicação financeira.

A Casa dos Açores de São Paulo [2] tinha, em primeiro plano, o intuito de trazer as tradições açorianas para a Vila Carrão, além de propiciar aos imigrantes uma forma de reencontrar amigos e parentes e, de certa forma, manter um elo com o passado, seja por meio das festas religiosas, seja por meio da sociabilidade e demais atividades criadas no seu calendário anual de eventos.

Segundo o sr. Manuel de Medeiros [3], em 24 de julho de 1979, os açorianos da Vila Carrão já se reuniam para debater a possibilidade de fundar uma associação açoriana. Num bate-papo descontraído, os membros do grupo se encontravam para contar histórias e rememorar sua terra natal. Acreditavam que seria necessário ter um lugar para montar uma capela para glorificar o Espírito Santo,

1 CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, 1987: 1.

2 CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. *CASP* Disponível na internet em: <http://wwwcasadosacores.com>. Acesso em: 25/6/2009.

3 Depoimento do sr. Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 3/6/2008.

já que celebravam a missa em louvor ao Divino desde 1975, quando o pároco permitiu a primeira coroação. Na garagem do sr. José Vitorino de Arruda, na rua Zodíaco, começaram a celebrar a festa e formaram a primeira diretoria, tendo como Presidente o sr. Manuel de Medeiros.

Como as festas já estavam sendo realizadas no bairro, havia a necessidade de se ter um lugar de onde os partícipes pudessem sair e também para se fazer o trabalho de cunho social e cultural, pois a garagem não era mais suficiente.

Ao ser questionado sobre as ideias que levaram à abertura da Casa, o sr. Manoel de Medeiros conta:

> "Vamos montar, fiz uma reunião na minha casa devia haver aproximadamente não me recordo agora que nós fundamos a Casa dos Açores em 22 de junho de 1980. Isso foi fundada como fator principal de se manter as festas religiosas do Divino Espírito Santo" [4].

Mediante as colocações do sr. Manuel, percebe-se que a Casa se originou a partir da necessidade dos açorianos e suas famílias de alocar as festividades e seus símbolos, especialmente do Divino Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Nesse sentido, pode-se dizer que os movimentos de associativismo tinham um papel relevante na função social dos compatriotas, sendo também uma construção advinda da necessidade de legitimar uma cultura e de criar um espaço para se fazer a festa religiosa.

Essa menção diz respeito ao próprio conceito de associativismo, que, ao buscar a formação de um espaço entre iguais, recria, de certa forma, outras necessidades, como fortalecer os traços culturais dentro de grandes centros de diversidade cultural e econômica, como é o caso de São Paulo.

Enquanto a recriação da festa – em momento posterior à chegada dos açorianos em São Paulo, os quais desde a década de 1950 já se estabeleciam no bairro – se organizava nas ruas da Vila Carrão, surgia outra necessidade, a criação de um espaço aglutinador para o grupo, que, de certa forma, os mantinha em alguns momentos unidos pela fé e pela solidariedade. Portanto, se fazia necessário um espaço voltado para a integração, sociabilização e solidariedade presentes nas ações e na mentalidade do povo açoriano.

4 Manoel de Medeiros nasceu em 12/11/1941 em Ponta Delgada, São Miguel, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 13 de junho de 1956, Presidente e Fundador da Casa dos Açores de São Paulo. Entrevista concedida em 3/6/2008.

> "A maior parte da fundação das casas regionais de origem portuguesa se deu a partir da década de 50 do século XX. No entanto, o fluxo de imigrantes que foi forte até a própria década de 50 com quantitativo aproximado de um milhão e quinhentos mil portugueses caiu muito durante o período posterior no próprio século XX. Muitos portugueses que vieram para o Brasil com o desejo de retorno para o país natal acabaram não realizando o intuito do retorno. Acabaram fincando laços, estabelecendo família, amizades e negócios no novo país. A criação das casas regionais, juntamente com outras associações de origem portuguesa preenche lacuna quanto a lugares de suporte e matriz cultural que sirva como instrumento de afirmação de identidade assim como locais de encontro de conterrâneos com interesses afins" [5].

Alguns açorianos já se organizavam antes da abertura da Casa para contar suas histórias, falar sobre a vida, o trabalho e também sobre o Espírito Santo. A primeira festa foi feita na rua, em frente à atual Casa dos Açores. Nesse ínterim, segundo o sr. Manuel:

> "Já estávamos construindo a Casa dos Açores. Então foi a 1.ª festa que foi feita em frente à Casa dos Açores, foi a minha. Foi legal, geralmente tudo que se faz lá eu sou geralmente o pioneiro, tudo leva meu apreço, tudo que eu puxo o negócio pra ver se aquele está mais sério que o anterior. Porque a gente estava na frente das casas dos mordomos, estava muito ruim, não dava pra fechar a rua, então não se tinha mais controle. Então eu passei em 82, eu passei justamente pra Casa dos Açores onde se faz os festejos e dali pra frente foi sempre na Casa dos Açores" [6].

5 SOUSA, 2005: 2.

6 Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 3/6/2008.

FIGURA N.º 1

Inauguração da Casa dos Açores de São Paulo [7]

O intuito de conceber essa Casa veio de diálogos entre amigos que também queriam trazer à cidade um espaço voltado para as tradições açorianas. Sabendo da existência de outros espaços articulados com essa premissa, alguns membros da comunidade que já estavam estabelecidos no bairro, juntamente com os contatos que tinham nos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel, trouxeram para a cidade alguns símbolos que, considerados ícones da tradição religiosa, acabaram por começar ou recomeçar a trajetória deixada para trás quando da saída das ilhas.

O primeiro a dirigir a Casa foi o empresário Manuel de Medeiros, que ocupou a presidência durante cinco gestões, de 22/6/1980 a 11/7/1987. O segundo, Manuel Henrique Farias Ramos ficou no cargo de 11/7/87 a 9/7/1989, e o terceiro, Manuel Pereira Arruda, de 9/7/1989 a 6/7/1991. O quarto presidente, António Mendes Cardoso Sequeira, ficou na presidência duas gestões, de 28/8/1992 a 24/6/1995. O sexto presidente foi Elisiário dos Santos Filho, que ocupou o cargo durante duas gestões, de 22/6/1996 a 29/6/2000 [8].

7 CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. *CASP* Disponível na internet em: <http://www.casadosacores.com/ inicio.html>. Acesso em: 10/2/2010.

8 FREITAS, 2006: 167.

Essa organização diretiva da Casa dos Açores mantém um elo com o Governo Regional das Comunidades nos Açores [9]. A cada ano seus representantes participam dos eventos nos Açores que denominam as funções e utilidades das Casas espalhadas pelo mundo, cujo intuito é manter laços e reavivar na memória de seu povo as identidades advindas de sua história.

A finalidade estabelecida no estatuto da Casa dos Açores é a de promover, entre outros eventos, a Festa do Divino Espírito Santo, reconhecida entre seus pares como o maior elo com o passado. Antes da sua criação, como os açorianos viviam, em maior parte, na Zona Leste, alguns membros da comunidade tentavam constituir uma organização que os evidenciasse enquanto grupo, especialmente por meio de festas religiosas e dias santos [10].

AS CASAS COMUNITÁRIAS E OS ANSEIOS DE PERTENCIMENTO

A maioria das associações e demais práticas de cunho representativo dos países fomentam a vinda e sobrevivência de compatriotas de todas as raças e grupos de imigrantes já instalados, sendo transformadas em verdadeiros espaços de auxílio e apoio à emigração, também imersas em políticas de sociabilidade são "associações mutuais vistas como estratégias de sobrevivência implementadas por vários setores da sociedade num contexto de ausência de políticas sociais e mecanismos de previdência públicos" [11].

Possuíam arranjos administrativos formados por assembléias onde se elegiam presidentes, secretários, tesoureiros; nomeavam-se sócios fundadores, beneméritos e remidos, além dos sócios comuns. Ofereciam entre outros serviços, auxílio funeral, pensões para a família do sócio enfermo, indenizações, custeio de remédios, atendimento hospitalar e prestação de demais ajudas humanitárias. Funcionavam, ainda, como espaços de lazer na promoção de festas, muitas vezes em comemoração à data de fundação da sociedade ou para prestar homenagem ao santo protetor do ofício, além de, dessa maneira, estabelecer relação com o poder público e a sociedade em geral [12].

9 O Conselho Mundial das Casas dos Açores foi formado pelos membros constituintes das Casas dos Açores no mundo. Na Declaração de Horta, reunidos seus representantes, formou no período de 12 a 15 de novembro de 1997, sob o patrocínio do Governo Regional dos Açores, por meio do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades, esse elo com as direções efetivas das instituições, entre elas Elisiário dos Santos Filho, representante da Casa do Açores de São Paulo.

10 FREITAS, 2006: 76.

11 LACERDA,2007: 6.

12 LACERDA, 2007: 6.

Com a proposta de organizar o grupo e manter os laços de amizade, união e identificação enraizados nas tradições, os açorianos construíram um território capaz de trazer à tona lembranças do tempo dos Açores e manter "viva" a religiosidade, o companheirismo e a construção familiar que seus antepassados tinham enquanto concepções de vida.

As mutuais foram sendo criadas à medida que a própria estrutura do capitalismo se formulava, impulsionando os trabalhadores a se organizarem em torno de associações. Essas eram tidas como maneiras de minimizar a falta de políticas sociais, configurando espaços que permitiam a proteção contra doenças, bem como o amparo em caso de velhice, desemprego e morte, uma vez que o Estado ainda não oferecia nenhum auxílio nesse sentido [13].

Com essa ausência de proteção e apoio, surgiam os pequenos auxílios prestados pelas sociedades de socorros mútuos, que garantiam formas de amparo aos trabalhadores assalariados, o que marcaria a proliferação de tais associações no final do século XIX e na primeira metade do século XX [14].

> "As casas regionais apresentam-se como locais de representações e manifestações culturais de identidade local, regional e nacional relacionadas aos distritos, províncias e regiões além é claro do próprio espaço nacional português. Tais representações estão apoiadas em referências geográficas a partir das festas, símbolos, imagens, saudosismo da terra natal em que as casas regionais se constituem como lugares para o estabelecimento e encontro de manifestações que revelam lado do processo de construção de identidade associado ao espaço geográfico" [15].

As casas regionais [16], associações e demais entidades de cunho étnico surgiram no momento em que os imigrantes necessitavam de auxílio, seja para procurar trabalho, para manter os padrões culturais ou para apropriar-se do urbano,

13 FORTES, 1999: 174.

14 LUCA, 1990: 384.

15 SOUSA, 2005: 2.

16 Sobre a criação e objetivos das Casas Regionais: "[...] apesar de seu caráter recreativo, um dos objetivos mais respeitados pelas associações portuguesas – inclusive pelas Casas Regionais – é a orientação e introdução dos novos imigrantes no mercado de trabalho e na vida urbana (a maioria dos portugueses vem de áreas rurais). Por outro lado, elas pretendem reproduzir no Brasil símbolos e padrões culturais característicos de Portugal ou das regiões portuguesas que representam [...]". Ver SEYFERTH, 1990: 67.

quando a cidade, em pleno crescimento, passava a ser uma nova realidade para esses imigrantes [17], acostumados com o meio rural nas ilhas.

Essa forma de construção mútua deve ser entendida como uma troca, sendo esta uma manifestação cultural. O mutualismo também se inscreve como manifestação da cultura dos trabalhadores, sendo ela uma arena de conflitos permanentes, de trocas materiais, de relações de dominação, de tradições herdadas e compartilhadas [18].

> "Aparentemente buscavam nas associações a mesma força, o aconchego da família e a reprodução da vida comunitária que tinham nas aldeias rurais. O cooperativismo pode ser entendido como herdeiro também de uma tradição camponesa, lembrando como já foi dito o costume do lavrador de oferecer um dia de trabalho para o aldeão mais necessitado ou do vizinho mais abastado oferecer terras comunais de propriedade do município ou da paróquia, florestas ou pastos para uso coletivo" [19].

Destarte, a cooperação já era algo vivido nas ilhas. A ajuda mútua entre os vizinhos, parentes e amigos era algo formalizado nas atitudes de cada família. Aliás, a própria Festa do Divino trata-se de uma forma de auxílio aos pobres, com a distribuição do bodo, que ficou sendo uma das expressões dessa festa no mundo todo.

Aqueles que presenciaram a construção da Casa e estiveram juntos no fenômeno imigratório atualmente contam suas histórias de vida organizando-as de forma emotiva e retratando-as como repletas de bons momentos, geralmente de tempos em que os pais eram vivos e tinham em conjunto outras histórias a contar [20]. Mas a

17 SILVA,1969: 200.

18 THOMPSON, 1998: 18-19.

19 NOGUEIRA, 1998: 44-45.

20 "Para a organização de uma sociedade mutualista era preciso juntar um grupo pequeno de pessoas com tal intenção, realizar reuniões de planejamento, divulgar entre os potenciais associáveis a reunião (em alguns casos, reuniões), realizar pelo menos mais uma outra reunião para discussão e aprovação, em assembléia, dos estatutos (princípios, objetivos, deveres, atribuições e competências dos sócios etc.), tudo devidamente registrado em Ata. A sociedade, então, estava instalada". Ver SEYFERTH, 1990: 67.

SILVA, 1969: 200. / THOMPSON, 1998: 18-19. / NOGUEIRA, 1998: 44-45.

"Para a organização de uma sociedade mutualista era preciso juntar um grupo pequeno de pessoas com tal intenção, realizar reuniões de planejamento, divulgar entre os potenciais associáveis a reunião (em alguns casos, reuniões), realizar pelo menos mais uma outra reunião para discussão e aprovação, em assembléia, dos estatutos (princípios, objetivos, deveres, atribuições e competências dos sócios etc.), tudo devidamente registrado em Ata. A sociedade, então, estava instalada". Ver MACIEL, 2010: 231.

criação da Casa dos Açores foi exatamente uma maneira de formalizar no espaço a construção das festas e ter ali um ícone da organização do grupo na cidade.

As memórias da construção partem, na maioria das vezes, dos mais velhos, que acabam sendo os nostálgicos, relatando suas lembranças com intensa emotividade.

Quando falam de suas histórias, narram com o coração. Apesar de recriá-las sob suas respectivas perspectivas, tratam das memórias como algo fundamentado num passado que, apesar de distante, engloba grande parte, ou melhor, boas partes de suas vidas.

> "Eu fiz uns versinhos aqui para a Casa dos Açores. Então, tem até uma parte da minha vida... Meu namoro, como é que eu cheguei a morar aqui para falar a verdade não ficou com ninguém. Porque aquilo é uma coisa minha, eu fazia e me sentia emocionada, eu li, até hoje não consigo ler para os outros, eu só leio pra mim, então, aquilo era uma coisa que vinha de dentro, que me recordava... O que eu escrevo, parece que eu estou começando a viver de novo, entendeu? Então, aquilo pra mim é muito estimado" [21].

As lembranças são um forte elo com um saudoso passado, com as melhores memórias de tempos distintos. As relações com as memórias se encontram formatadas em bons e maus momentos. Embora façam parte de uma história total, as pessoas acabam definindo aspectos de que gostam de lembrar.

Antes da fundação da Casa dos Açores de São Paulo, neste mesmo local, havia um clube, e se me lembro, chamava-se "Lusitano", onde as festas juninas eram organizadas. Faziam os arraiais enfeitados com "bambu" e bandeirolas de papel colorido. O evento atraía muitos casais de namorados e jovens para as brincadeiras. Depois é que veio a Casa dos Açores de São Paulo, que, de certa forma, formalizou todo o ritual e toda a cerimônia com relação às atividades do Divino Espírito Santo. A casa foi fundada na década de 80 do século passado. A partir de então, o culto ao Divino Espírito Santo, no dia de Pentecostes, tomou vulto e alcança o sucesso que é hoje [22].

21 Depoimento da Sra. Maria Joana Rezende Rodrigues, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 2 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa.

22 Depoimento do Senhor Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 7 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Quando relata as lembranças de sua infância [23], o Senhor Henrique enfatiza as festas juninas, que, segundo ele, eram feitas no mesmo local onde foi construída a Casa dos Açores da cidade. A Festa do Divino está sempre presente quando se fala da construção e manutenção dos apoiadores e frequentadores do local.

Nas suas lembranças, as festas, os lugares e os tempos representam uma forma de ligar-se ao passado. Os lugares de memória compreendem a função que se faz presente nos tempos de infância, em especial nos momentos mais relevantes, como as festas juninas, as brincadeiras e os momentos e fases que se sobressaem nas suas recordações.

> "É com estima que são realizadas as celebrações e festas aqui no Brasil. Tanto dedicadas ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, a Nossa Senhora de Fátima onde estão presentes nas nossas cerimônias religiosas. Por não haver espaço suficiente na sede da Casa dos Açores, obtemos autorização e apoio da nossa Prefeitura Regional para ocupação da via pública. No dia 13 de maio, dedicado a Nossa Senhora de Fática é rezada a missa. É em um único dia de dedicações então são lembrados e se fazem presentes na procissão do Divino Espírito Santo. As imagens do Senhor de Santo Cristo e a de Nossa Senhora de Fátima, e do Espírito Santo, representado pelas sete coroas e Bandeira do Divino estão sempre presentes nas cerimônias religiosas e festas. Faço questão de ser um membro para carregar o andor do Senhor Santo Cristo e de Nossa Senhora de Fátima. Este ano de 2008 não carreguei, por me encontrar lá nos Açores" [24].

Além das festas e comemorações religiosas, que denotam um apego às celebrações dos Açores, das atividades atualmente promovidas pela Casa com intuito filantrópico destacam-se o apoio ao bairro Carrão e o auxílio a algumas entidades a fim de:

23 "Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória parece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora". Ver BOSI, 1994: 47.

24 BOSI, 1994.

> "Promover, anualmente a Festa do Divino Espírito Santo, divulgar a cultura, as tradições e os costumes açorianos. Realizar eventos culturais e manter através de seu Departamento Assistencial o caráter filantrópico de auxiliar, regular e comprovadamente, entidades e/ou pessoas carentes: Fornecimento de medicamentos e de cestas básicas; Durante a Festa do Divino Espírito Santo, fornecimento de mantimentos em grande quantidade (incluindo carne e o famoso bolo de massa sovada); Manutenção de cadeiras de rodas para empréstimo regular; Promoção do Almoço da Terceira Idade, tradicionalmente, todos os anos no mês de setembro, para o qual são convidados centenas de idosos de várias entidades; Distribuição de centenas de brinquedos, durante o período do Natal; Manter a sede sempre à disposição de outras entidades para a realização de eventos de caráter público tais como: Campanhas de saúde pública, palestras de interesse comunitário, campanha do agasalho entre outras" [25].

A Casa dos Açores está aberta a todos os visitantes; possui um acervo sobre os Açores, sobre a sua própria criação e publicações acerca de suas semanas culturais. Está em constante desenvolvimento no que se refere à criação de laços com seus compatriotas e também com a comunidade luso-brasileira, e promove eventos diversos a fim de angariar fundos e também de fomentar a sociabilidade entre seus pares e entre o público em geral.

Algumas manifestações religiosas são organizadas nos espaços da Casa, como as missas em louvor a dias santos, entre outros eventos. Assim, a entidade passou a ter um valor relacionado à fé, aos costumes e às tradições açorianas, sendo um palco para a efetivação das manifestações religiosas e sociais da comunidade.

A grande maioria dos associados da Casa dos Açores veio das Ilhas de São Miguel e Terceira. Esses sujeitos, em grande parte, ao ingressarem na cidade, já tinham, de certa forma, um elo com parentes e amigos, que os auxiliavam a conseguir trabalho na mesma fábrica em que se empregavam e a viver no entorno dela.

Quando questionada sobre o papel da Casa dos Açores em sua vida, Dona Ilda comenta:

25 Segundo o site oficial da Casa dos Açores de São Paulo, sua missão é filantrópica, além da organização do grupo de açorianos e da reorganização das festas religiosas. Ver CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, 2010.

> "É muito importante. Ajudo no que eu posso. Não sei se eu ajudo muito como elas porque eu vim com 13 anos, aí entrei na fábrica, então, chegava em casa e minha mãe já tinha tudo pronto. Então, não fazia muita coisa. Aí agora nós vamos fazendo; alguma coisa a gente pega, mas outras... Que nem a malassada... Não é fácil. O ponto de ela no amassar é difícil. O difícil não é o amassar, é o ponto dela que é difícil de pegar. Eu gostaria que mais açorianos frequentassem. Não é só açoriano quanto brasileiro. A casa tá aberta pra todos. Mas nós temos açorianos ainda muito retraídos, com receio de vir, sabe? Eu acho que isso não podia acontecer no nosso meio. Eu gostaria que viesse mais. Principalmente os filhos dessas... [refere-se aos filhos das mulheres que frequentam a casa e que fazem parte do grupo folclórico]. Mas aí acho que é uma coisa que vem de casa, porque se você incentiva seus filhos desde pequeno, e... A minha filha mais velha, ela não sabia o hino brasileiro, mas o português ela sabia quando ela entrou na escola, acho que isso não é certo, mas eu a ensinei pelo que eu sabia. Ela sabia cantar o hino nacional português, o brasileiro eu não sabia, então eu não ensinava" [26].

Sobre a sua função na Casa dos Açores, ela afirma ajudar na confecção das *malassadas*, prático típico açoriano. Também fala a respeito da educação dos filhos e da importância de estimulá-los a manter os costumes. Ensinar à filha o Hino Nacional Português foi um ato nacionalista, pois era o que sabia, em razão de sua formação enquanto cidadã portuguesa. Quanto à associação e sua frequência, ela faz um apelo para que outros sujeitos se interessem pelas histórias ali inscritas de alguma maneira.

Formar elos com os açorianos de outras ilhas é um dos exemplos do que pretendem esses atores que são ativos na Casa. Buscam conhecer outras pessoas que também vieram das ilhas e ainda brasileiros que de alguma forma possam contribuir para que essa ideia de manter as identidades não se perca com o tempo.

Para o funcionamento da Casa dos Açores, aos seus membros cabe também divulgá-la, para que tanto o espaço como a sua construção social não acabem entre as novas gerações, que muitas vezes não se interessam pela história de seus antepassados.

26 Depoimento de Dona Ilda Maria Salvador dos Reis, concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 2 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo.

> A afeição pela pátria parece ser um fenômeno mundial não estando limitada a nenhuma cultura em especial. A cidade ou terra é vista como mãe. O lugar é um "arquivo de lembranças afetivas e realizações" que acabam por inspirar o presente e oferece estabilidade; o lugar é caracterizado como sendo "permanente e por isso tranqüiliza o homem, que ver a fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda a parte" [27].

Um dos elos com as histórias de vários atores se encontra na relação com o lugar. Pois nessa relação o lugar passou a ter outra visibilidade no momento em que a cultura ali inscrita teve sua manifestação concretizada nos atos cotidianos e festivos. O espaço entre a casa, a rua e seu exterior foi dimensionado de forma material e imaterial, condensando os interesses, auxiliando na manutenção das indentidades e dando visibilidade ao grupo imigrantista, que também foi protagonista da história da cidade.

> "Uma casa regional de origem portuguesa é um lugar privilegiado em que se pode participar de festas e desfrutar as suas músicas, danças e comidas típicas. As celebrações artísticas nas quais são apresentados grupos musicais de origem portuguesa, as apresentações e encenações dos ranchos folclóricos, os relatos de tradições de exclusividade e superioridade étnica, trajetórias expostas de vitórias pessoais para auto-afirmação do "valor do português", ora se exprimem na assimilação, incorporação e produção de símbolos que manifestam traços de cultura particular" [28].

Quando recriam as festas em louvor aos santos e especialmente em louvor ao Divino Espírito Santo, fomentam, além de suas próprias histórias, a memória de seus antepassados, como forma de garantir que ela viva, mesmo que com todas as incorporações estabelecidas no novo país que os acolheu.

Outra forma de manter viva a memória dos Açores é a atuação do grupo folclórico criado em 1981, que tem o intuito de demonstrar a manifestação folclórica dos açorianos por meio das músicas e canções populares, da dança e da harmonia do grupo, composto por cerca de cinquenta membros.

27 TUAN, 1983:171.

28 SOUSA, 2005: 7.

> "O povo nos dias festivos apresenta-se geralmente com asseio e capricho, pela semana vestem-se de lã e linha que cultivavam. Os homens usavam jaqueta, colete e carapuça de lã, o que vai de acordo com cada ilha. As mulheres com saias de lã de cores escuras, lenços e chapéus. Dança-se para mostrar quem é, e quem foi o povo açoriano. Por isso, há que ter consciência que dançando não somos um EU, mas a expressão de um povo. E em termos de folclore, não há melhor nem pior, há apenas o que é autêntico. Defender o patrimônio é um gesto natural de quem defende a própria existência. O folclore açoriano é acima de tudo a demonstração do sentimentalismo de um povo sofrido e trabalhador, porém esperançoso e patriota que se orgulha de ser açoriano" [29].

A saudade da terra natal é uma experiência situada entre as memórias do passado e os anseios futuros, na qual as memórias estão intrinsecamente associadas ao tempo e ao espaço construídos. Parece haver uma reinvenção dessas memórias como reforço das identidades regionais, que eventualmente se contrapõem até mesmo à identidade nacional [30]. Nesse caso, a questão de pertencimento que os identifica é mediada pelo sentido de lugar estabelecido para a casa regional de origem portuguesa, que acaba por participar intensamente da vida dos indivíduos e dos grupos de portugueses que a frequentam [31].

O lugar constrói e influencia, tanto subjetivamente como objetivamente, ligações culturais e sociais, como forma de garantir o elo identitário, o vínculo com o passado, as formas de viver o cotidiano em outras esferas temporais e espaciais. A Casa foi criada com esse intuito e também como forma de legitimação da nacionalidade, pois, além desse olhar, há a necessidade de vincular-se aos Açores, como forma política de manter a instituição.

Além da Casa dos Açores de São Paulo, outros grupos de imigrantes criaram suas Casas, como a Casa dos Açores do Rio de Janeiro, a de Santa Catarina, a do Rio Grande do Sul, entre outras, inclusive fora do país. Com a intenção de organizar e fazer valer os objetivos das Casas dos Açores espalhadas pelo mundo foi criado na Ilha do Faial, na cidade de Horta, o CMCA – Conselho Mundial das Casas dos

29 Casa dos Açores de São Paulo, 2010.

30 FELDMAN-BIANCO, 1992: 35.

31 FELDMAN-BIANCO, 1992: 35.

Açores, que regulamenta as ações dessas entidades [32]. Também tem a função de criar o estatuto a ser seguido, como órgão regulamentador e regulador, além de seu papel político e legislativo no que se refere à criação e execução dos mais variados espaços, servindo como intermediador da constante interculturalidade do povo açoriano migrante, imigrante e retornado.

Algumas ponderações podem ser feitas acerca de seu regulamento, cabendo observar que se dá prioridade às entidades mais antigas quando o assunto é estabelecer diretrizes para os associados.

> 1 – São membros fundadores do Conselho Mundial das Casas dos Açores (CMCA) os subscritores da Carta da Horta, assinada em 13 de Novembro de 1997.
> 2 – O CMCA terá um Secretariado rotativo, a ser assumido anualmente por cada Casa dos Açores, por ordem de antigüidade.
> 3 – É responsável pelo Secretariado o Presidente da Direcção da Casa que assumiu, pelo período de um ano, essa função.
> 4 – O Presidente da Direcção de cada uma das Casas ao assumir as funções de Secretariado, pelo espaço de um ano, assumirá por inerência a Presidência do Conselho.
> 5 – O Conselho terá emblema, a ser aprovado pela Assembléia Geral.
> 6 – A sua duração é por tempo indeterminado, podendo ser dissolvido por dois terços dos seus membros.
> 7 – Cada membro deverá participar nas despesas do Conselho em montante a acordar em Assembléia [33].

32 O CMCA, além de organizar diretrizes para a composição das casas regionais, tem o intuito político de manter as características de originalidade de suas tradições, fomentar a sua manutenção temporalmente e assegurar aos açorianos uma memória ativa de seus antepassados: "a) articular a ação das Casas dos Açores entre si e entre estas e a Região; b) reforçar o papel das Casas dos Açores naquilo que são os seus objetivos comuns, designadamente no que representam de serviço as comunidades, na dignificação do seu nome e da Região, como agentes divulgadores e defensores dos valores e interesses dos Açores; c) promover e intensificar a ligação com instituições e entidades oficiais e privadas portuguesas e particularmente açorianas e dos países e regiões de acolhimento; d) emitir parecer, sem carácter vinculativo, quando solicitadas pelos orgãos de Governo próprio da Região, sobre assuntos de interesse específico dentro do seu âmbito de ação. Compete igualmente ao CMCA analisar e aprovar eventuais candidaturas de outras Casas dos Açores". Ver CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULo, 2010.

33 CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, 2010.

Embora sua criação seja posterior à fundação dos espaços pelos grupos espalhados pelo mundo, a necessidade de regulamentar as mais variadas propostas de organização desses territórios de memórias se revela como uma forma de ampliar os conceitos de tradições. Fica a critério do Conselho aceitar ou rejeitar as propostas de criação de novos espaços, conforme estipulado em seu regulamento.

O Conselho delibera sobre as novas propostas e efetiva reuniões para aceitar os novos projetos advindos das Casas, não apenas para a criação, mas para toda e qualquer necessidade que demande um pleito, como fixar novas parcerias. A organização também estabelece o que se pode chamar de padrão de comportamento das Casas, considerando que essas possuem o intuito de garantir a manutenção das tradições. Mesmo que as inúmeras inserções de traços de outras culturas possam intervir na dinâmica cultural, trabalha-se no sentido de manter de algum modo a essência do que é ser açoriano, independentemente do país escolhido para morar.

Em suma, sua função está em "reforçar o papel destas Instituições nos seus objetivos comuns: servir as comunidades em que se inserem, cooperar com as diversas entidades açorianas, promover os valores e a cultura da Região Autônoma dos Açores" [34]. O Conselho é formado pelas Casas dos Açores do mundo, incluindo uma série de espaços.

Qualquer proposta de organização de novas ideias ou deliberação mais relevante se faz a partir da reunião do Conselho, e não mais das diretorias de cada Casa, muito embora estas tenham suas especificidades e suas diretrizes internas. O Conselho se une quando algo precisa ser discutido num âmbito maior, ou seja, quando a decisão tem relevância para as Casas espalhadas pelo mundo.

Cada Casa fundada tem como premissa a articulação dos açorianos e a manutenção dos laços com a terra de partida, além de sociabildiade, ajuda mútua, organização das festividades religiosas e, de certa forma, a manutenção das identidades. As histórias de criação são bastante parecidas no que se refere às dificuldades financeiras e à maneira de aglomerar o maior número de sujeitos vindos dos Açores.

Em outras palavras, a proposta de cada entidade é manter os laços entre os Açores e a localidade. Cada qual tem um emblema que faz referência ao seu local de estabelecimento e à terra de origem, também como forma de saudar a nova pátria.

34 CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, 2010.

A partir da criação das Casas tem-se um panorama da identificação dos grupos criados com objetivos comuns e aliados por meio do Conselho Mundial das Casas dos Açores, que permite pensar o aprimoramento e manutenção das tradições açorianas. No entanto, a ação que fomentou a criação do Conselho Mundial perpassa a ideia de açorianidade, que significa, ao longo do século XX, um esforço sistemático e permanente de se fixar, num primeiro momento, no espaço nacional português e, contemporaneamente, nas comunidades transnacionais de imigrantes e descendentes. Essa articulação política se fez num momento em que os conflitos de interesses políticos sobre o futuro dos Açores começava a despontar.

> "um espaço da diferença constitutivo da identidade cultural regional das populações do Arquipélago. Este esforço teve origem em fins do século XIX no bojo das tensões políticas e movimentos autonomistas da região em relação ao poder central em Lisboa" [35].

Isso quer dizer que o Conselho possui em seus objetivos uma forma de manter sob sua supervisão os açorianos espalhados pelo mundo. Assim:

> "Após 1976, com a implantação da autonomia administrativa, o discurso da açorianidade fornecerá as bases de referência para a construção da identidade açoriana enquanto característica fundamental de uma região politicamente autônoma. Com uma história rica em reivindicações autonomistas e até pela independência" [36].

A Direcção Regional das Comunidades, a fim de garantir um elo governamental com as Casas dos Açores, estabeleceu diversos protocolos de cooperação. Estes, por sinal, objetivam o fortalecimento de laços entre os emigrantes e a sua terra natal, a preservação e divulgação dos valores culturais da região e de solidariedade social nas comunidades, além da legitimação da ideia de ser açoriano [37].

O Governo dos Açores promove diversas ações que objetivam o aperfeiçoamento dos estudos culturais voltados aos açorianos que emigraram e também como proposta de interculturalidade dos pesquisadores dos Açores de forma geral.

35 LACERDA, 2007: 56.
36 LACERDA, 2007: 57.
37 AÇORES, 2010.

Sendo a autoridade máxima no âmbito das ilhas, tem em sua hierarquia também a Direção Regional das Comunidades, que lhe responde diretamente.

A Direção Regional das Comunidades faz intercâmbios de estudantes vinculados ou não à Universidade dos Açores, o que permite aos pesquisadores ampliarem suas pesquisas em documentos nas mais diversas esferas das entidades existentes nas ilhas. A proposta de crescimento do turismo também reforça essa intercambialidade, fomentada pela divulgação e ampliação da demanda turística, sendo esse um dos enfoques de crescimento das ilhas.

A legitimidade das Casas dos Açores está ligada à sua concepção e formas de articulação com o grupo associado. Entre os dados recolhidos pelas Casas estão as listagens que informam quando os sujeitos chegaram, de quais ilhas vieram, idade, sexo e atividades profissionais desempenhadas. Esses dados, além de revelarem a origem dos associados, dimensionam momentos distintos de chegada, indicando ainda, por exemplo, os navios nos quais vieram, o grau de instrução dos indivíduos, entre outros fatores que, de certa forma, possibilitam a constituição de um acervo para pesquisa.

A criação das associações parte da questão da identificação dos açorianos, pois revela uma construção ou (re) construção da cultura, uma vez que trazem traços de algum lugar, têm histórias, mas também sofrem transformações constantes. Longe de estarem eternamente fixadas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo "jogo" da história, da cultura e do poder [38].

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apesar de os discursos sobre a construção das Casas partirem, na sua maioria, de uma forma de interação e identificação individual e coletiva, algumas questões podem ser levantadas para se repensar essa premissa, como as possíveis causas que transformam a vida cotidiana e tomam certas dificuldades enquanto elos. "[...] o indivíduo forma a sua identidade não a partir da reprodução da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim a partir do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização" [39].

38 HALL, 2000.

39 MENDES, 1994: 155. O autor usa os Açores como palco para suas discussões partindo dos efeitos sociais da constituição institucional e oficial do conceito de "açorianidade" e também das estratégias e processos de identificação dos agricultores, em especial contrapondo às consequências da integração europeia.

Pensando na legitimação das identidades e na criação de espaços para diminuir possíveis conflitos, a Casa dos Açores de São Paulo, um ícone territorial dos açorianos, é/foi uma forma de sociabilidade que coopera/cooperou para a multiplicidade, de forma a integrar e diferenciar seu grupo dos demais.

A ideia de ser açoriano e "irmão" se realiza em vários planos. Na verdade, cada um desses códigos tem um papel hierarquicamente distinto da composição da pessoa açoriana. Ora esta aparece definida a partir de suas relações com o Espírito Santo e de suas relações de parentesco e vizinhança; ora ela aparece enquanto parte de uma "comunidade étnica" coletivamente individualizada ao lado de outras comunidades étnicas no contexto nacional brasileiro. Em seu cotidiano, os açorianos transitam entre esses dois códigos, embora não o façam de modo inteiramente livre, acionando um ou outro de acordo com seus interesses e objetivos [40].

A maioria dos depoimentos se refere à Casa dos Açores de São Paulo enquanto mantenedora das festas do Divino, contrapondo-se em parte à noção de que as associações mutuais constituem um tipo particular de associações regidas pelo Código da Mutualidade, tendo como objetivo a prevenção de riscos sociais, desenvolvimento cultural, moral e intelectual dos seus membros, além da melhoria das condições de vida.

A proposta de legitimação de forças do grupo também desempenha relevante papel nas ações políticas com o país de origem, seja por meio de apoios financeiros, visitas ao país, cursos efetivados nas ilhas como processos de interculturalidade, entre muitos outros que garantem, de certo modo, um elo institucionalizado. A propósito, o discurso da açorianidade passou por diversas fases, desde a retórica de confronto com o espaço nacional português até a fase global, na qual se inserem todos os grupos que saíram das ilhas em movimentos migratórios distintos [41].

A açorianidade passa, portanto, a ser um discurso englobante da identidade açoriana, e é nesse período que se pode visar o crescimento das políticas e programas dos governos regionais voltados para o apoio mais direto às comunidades de imigrantes e descendentes [42].

40 GONÇALVES, 2008: 67-94.

41 LACERDA, 2003: 57-58.

42 LACERDA, 2003: 57-58.

De toda a construção da cultura açoriana [43] e a legitimação das identificações, a festa sem dúvida é um dos mais expressivos traços que ligam esses grupos pelo mundo. O trabalho do tempo de festas na Casa dos Açores é um trabalho coletivo, advindo da fé e sociabilidade criadas pelos pares que se encontraram com um interesse em comum: montar as festas religiosas. Esse, por sinal, é um tempo de fé, alegria e agradecimento à fartura. Desse modelo se discute a construção de uma legitimação identitária formada pela Casa dos Açores.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa, 1994 – *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras.

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, 1987 – *Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão*. *Açor* – Órgão Informativo da Casa dos Açores, ano I, n.º 1. São Paulo, jun./jul.

FELDMAN-BIANCO, Bela, 1992 – "Saudade, Imigração e Construção de uma Nação Desterritorializada". *Revista Brasileira de Estudos* Populacionais, vol. 9, n.º 1, artigo 35. Campinas.

FORTES, Alexandre, 1999 – "Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX", in *Cadernos AEL – Sociedades Operárias e Mutualismo*, edição 10/11, vol. 6. Campinas: UNICAMP/ IFHC.

FREITAS, Sônia Maria de, 2006 – *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante.

GONÇALVES, José Reginaldo; CONTINS, Márcia, 2008 – "Entre o divino e os homens: a arte nas festas do divino Espírito Santo". *Horizontes Antropológicos*, ano 14, n.º 29. Porto Alegre, jan./jun.

HALL, Stuart, 2000 – *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

43 A cultura para os imigrantes é uma forma de se garantir no mundo. Assim, Rocha-Trindade refere-se ao processo de interação como análogo à assimilação, considerando que, nas sociedades modernas, a aventura da emigração é o único caminho para garantir a sobrevivência. O sujeito que entra na nova sociedade toma o processo de assimilação como uma necessidade crucial. Ver ROCHA-TRINDADE, 1995.

LACERDA, Eugênio Pascele, 2003 – *O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LUCA, Tânia Regina de, 1990 – "As Sociedades de Socorros Mútuos Italianas em São Paulo", in BONI, Luis A. de (org.), *A Presença Italiana no Brasil*, vol.II. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli.

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly, 2010 – "Estatutos de Sociedades Mutualistas e a História Social do Trabalho: Conjecturas em torno da Sociedade Beneficente Proteção e Auxílio da Cia. União Mercantil (Fernão Velho, 1876/1879)". *Revista Crítica* Histórica, ano I, n.º 1. Universidade de Alagoas.

MENDES, José Manuel de Oliveira, 1994 – "As Identidades Sociais como Políticas e como Estratégias: O Caso dos Açores". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 40. Coimbra: Universidade de Coimbra.

NOGUEIRA, Ana Maria de Mora, 1998 – *Como Nossos Pais – uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Fluminense.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAEIRO, Domingos, 1995 – *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

SEYFERTH, Giralda, 1990 – *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

SILVA, Pedro Ferreira da, 1969 – *Assistência Social dos Portugueses no Brasil*. São Paulo: Arquimedes.

SOUSA, Roberto Ribeiro de, 2005 – "Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro – RJ", in *Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

THOMPSON, E. P, 1998 – *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras.

TUAN, Yi-Fu, 1983 – *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel.

REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS

AÇORES. Direcção Regional das Comunidades. Disponível na internet em: <http:// www.azores.gov.pt/ Portal/pt/entidades/srp-drcomunidades/?cName=pgra-drcomunidades>. Acesso em: 8/8/2010.

AÇORES. Presidência do Governo Regional. Disponível na internet em: <http://www.azores.gov.pt/PortalAzoresGov/external/portal/organigramas/organigrama_2008_pt.pdf#page=2>. Acesso em: 8/8/2010.

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. *CASP*. Disponível na internet em: <http://www.casadosacores.com/cmca_horta.html>. Acesso em: 12/10/2010.

LACERDA, David P., 2007 – "Experiência associativa no Império: sociedades mutuais de trabalhadores livres na cidade do Rio de Janeiro (segunda metade do século XIX)". Anais do *XIII Encontro de História – ANPUH Rio*. Rio de Janeiro, 2007: 6. Disponível na internet em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh. org/resources/content/anais/1213754555_ARQUIVO_Textocompleto.pdf>. Acesso em: 22/10/2010.

DEPOIMENTOS

Depoimento de dona Ilda Maria Salvador dos Reis, concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 2 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo.

Depoimento da sra. Maria Joana Rezende Rodrigues, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 2 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa.

Depoimento do sr. Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 7 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Depoimento do sr. Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 3/6/2008.

Depoimento do sr. Manoel de Medeiros. Nasceu em 12/11/1941 em Ponta Delgada, São Miguel, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 13 de junho de 1956, Presidente e Fundador da Casa dos Açores de São Paulo. Entrevista concedida em 3/6/2008.